

# al.ama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 1) Jan. 2018

## AS GRAVURAS AINDA NÃO APRENDERAM A NADAR

o impacto das cheias  
nas gravuras do  
Vale do Côa

Gemas gravadas  
numa alfaia litúrgica

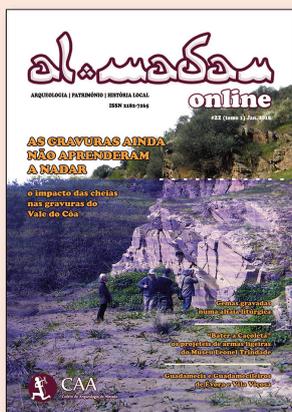
“Bater a Caçoleta”  
os projéteis de armas ligeiras  
do Museu Leonel Trindade

Guadamecis e Guadamecileiros  
de Évora e Vila Viçosa



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Imagem de visita à Rocha 1 da Ribeira de Piscos, no Parque do Côa, cerca de um mês após cheia registada no Inverno de 2014. A linha tracejada a branco, à direita, marca a cota de inundação, aqui evidenciada pela sobreposição de filtro que mescla a imagem original com uma superfície aquática.

Foto © Luís Luís, Fundação Côa Parque, parcialmente sobreposta por imagem disponível na Internet.



II Série, n.º 22, tomo 1, Janeiro 2018

#### Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,  
Apartado 603 EC Pragal,  
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede | Travessa Luís Teotónio  
Pereira, Cova da Piedade,  
2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | [c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)

Internet | [www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |  
[www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação  
e Restauro do Património  
Monumental, Ld.ª

Apoio | Neoépica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo  
([director.almadan@gmail.com](mailto:director.almadan@gmail.com))

Publicidade | Centro de Arqueologia  
de Almada ([c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com))

Conselho Científico |  
Amílcar Guerra, António Nabais,  
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva  
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de  
Almada (sede): Vanessa Dias,  
Ana Luísa Duarte, Elisabete  
Gonçalves e Francisco Silva

Abrir, esta *Al-Madan Online* confronta-nos com uma séria ameaça à integridade e preservação de uma das jóias da Arqueologia portuguesa, justamente integrada na lista do Património Mundial da UNESCO: a arte rupestre do Vale do Côa, que em 1996 se livrou da submersão provocada pela construção de uma barragem, mas está desde então sujeita a cheias prolongadas. “*As gravuras não sabem nadar*” deu mote a um movimento que abalou a sociedade portuguesa nos já distantes anos 1990. Presumimos hoje que continuarão a não saber. Contudo, constatamos que boa parte delas teve de desenvolver entretanto uma invulgar aptidão para o mergulho em apneia!

Conhecidas as condições ambientais da região, é expectável que a acção dos agentes naturais aumente sazonalmente o caudal do rio Côa. Mas não é admissível permitir que esse efeito seja fortemente agravado pela ensecadeira que deveria ter funcionado só alguns meses, durante a construção da barragem, mas lá permanece quase 25 anos depois! É um enorme factor de risco para um Património único e insubstituível, e também uma severa condicionante à sua investigação, conservação e fruição pública. Identificar o problema e detalhar as suas causas e consequências tem o inegável mérito de alertar para a urgência de medidas correctivas que merecem a atenção imediata da DGPC e da Fundação Côa-Parque.

O Parque e o Museu do Côa justificam ainda outra abordagem nas páginas desta *Al-Madan Online*, onde é defendido um modelo alternativo de gestão patrimonial. É um dos textos de opinião, que também se ocupam da investigação do século VIII e do paradigma dos orçamentos participativos. Os artigos dedicados a trabalhos e estudos arqueológicos são diversificados, temática e cronologicamente, e tratam contextos e materiais que vão da romanidade ao século XIX: da *villa* romana de Fundo de Vila (Tábua) à rede viária dessa época na zona do Vimieiro (Arraiolos); das várias ocupações do Alto da Casa Branca (Lisboa) aos fornos de cal contemporâneos em Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Trofa; de 1/4 de *dirham* almóada recolhido na zona de Alcácer do Sal, às gemas gravadas em alfaia litúrgica dos séculos XIV-XV e aos projectos de armas ligeiras usados nos confrontos do século XIX. Há ainda um contributo para a história do ensino da Arqueologia em Portugal, a análise de fontes documentais relativas aos Paços do Município de Alcácer do Sal e à arte do guadameci em Évora e Vila Viçosa nos séculos XVI e XVII, e espaço para defender a tese que Fernão Lopes (≈1380/1390-1460) terá nascido e sido sepultado no Alandroal. Por fim, desenvolvido noticiário arqueológico antecede o comentário a diversos eventos e a agenda dos que são conhecidos para os próximos meses. E para começar bem, tem já a seguir uma reflexão sobre o binómio Arqueologia - Turismo.

Votos de boa leitura!

Jorge Raposo

**Resumos** | Jorge Raposo (português),  
Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos  
Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de imagem  
e paginação electrónica** | Jorge Raposo

**Revisão** | Vanessa Dias, José Carlos  
Henrique, Fernanda Lourenço e Sónia  
Tchissolle

**Colaboram neste número** |

André Albuquerque, Nelson J. Almeida,  
Clementino Amaro, Ferran Antolín,  
José M. Arnaud, Ruben Barbosa, Ana C.  
Basílio, Luísa Batalha, João Belo, Marian  
Berihuete Azorín, Nuno Bicho, Flávio  
Biscaia, Carlos Boavida, Anabela

Borralheiro, Patrícia Brum, Guilherme  
Cardoso, António R. Carvalho, Daniel  
R. de Carvalho, João Cascalheira,  
Enrique Cerrillo Cuenca, Fernando  
Coimbra, Luís Costa, Paulo Costa,  
Maria Isabel Dias, Mariana Diniz,  
Graça Cravinho, Pedro Cura, José  
d'Encarnação, Lídia Fernandes, Cristiana  
Ferreira, António Fialho, Rui Ribolhos  
Filipe, José P. Francisco, Jorge Freire,  
Sara Garcês, Manuel García-Heras,  
Marijo Gauthier-Bérubé, Carolina Grilo,  
Vanda B. Luciano, Luís Luís, Ana P.  
Magalhães, João Marques, Andrea  
Martins, Ana Mateos Orozco, Alexandre  
Monteiro, César Neves, Luiz Oosterbeek,

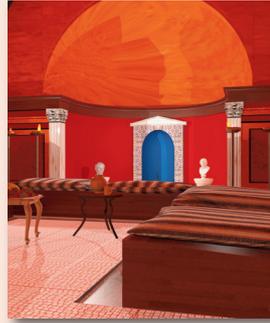
Pedro Patacas, Franklin Pereira, Miguel  
Pessoa, Rui Pinheiro, Inês V. Pinto,  
Leonor Pinto, Sandro Pinto, Luís  
Raposo, Raquel C. Raposo, Clodoaldo  
Roldán García, Maria Isabel Sarró, Chris  
Scarre, Isabell Schmidt, João L. Sequeira,  
Fernando R. Silva, Elisa Sousa, João P.  
Tereso, André Teixeira, André Texugo,  
João Torcato, António Valera, António  
Valongo e Gerd-Christian Wenigeru

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*  
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.  
No entanto, a revista respeita a vontade dos  
autores, incluindo nas suas páginas tanto  
artigos que partilham a opção do editor  
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

EDITORIAL ...3 ▶

CRÓNICAS

A Arqueologia e o Turismo:  
útil binómio a acautelar |  
José d'Encarnação...6 ▶



ESTUDOS

A Rede Viária Romana  
como Objeto de Reflexão:  
a propósito dos troços  
calçadados da Herdade das  
Postas e da ponte da Fargelinha  
(Vimieiro, Arraiolos) |  
Ruben Barbosa...50 ▶

ARQUEOLOGIA



As Gravuras Ainda  
não Aprenderam a Nadar:  
impacto das cheias na arte  
rupestre do Vale do Côa  
entre 1996 e 2016 |  
Luís Luís...10 ▶

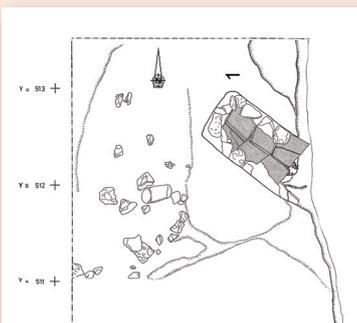
Gemas Gravadas  
numa Alfaia Litúrgica |  
Graça Cravinho...60 ▶



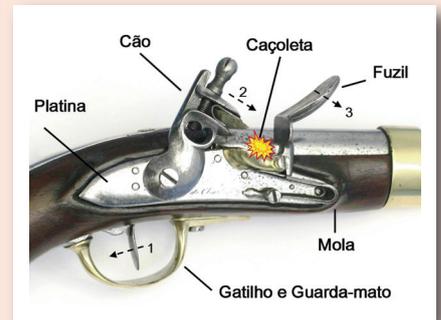
Quinta das Covas,  
uma *Villa* Romana em  
Fundo de Vila, Tábua |  
Raquel Caçote Raposo  
...29 ▶



Breve Nota sobre  
1/4 de *Dirham* Perfurado  
de Cronologia Almóada  
Encontrado Junto a  
Qaṣr al-Faṭḥ / Alcácer  
[do Sal] | António Rafael  
Carvalho...68 ▶



O Sítio Arqueológico do  
Alto da Casa Branca (Tapada  
da Ajuda, Lisboa) | Guilherme  
Cardoso, Clementino Amaro  
e Luísa Batalha...35 ▶



Os Fornos de Cal Artesanais nos  
Concelhos de Vila do Conde, Póvoa  
de Varzim e Trofa na Época  
Contemporânea: contributo para  
o seu estudo | Fernando  
Ricardo Silva...41 ▶



*Bater a Caçoleta*: subsídio para  
o estudo da coleção de projéteis de  
armas ligeiras do Museu Leonel  
Trindade | Rui Ribolhos  
Filipe...74 ▶

## HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

O Ensino da Arqueologia no Século XIX:  
uma abordagem preliminar de propostas,  
programas e cursos | Daniel Martins da Silva  
Rodrigues de Carvalho...80 ▶

### OPINIÃO

¿Por qué no se estudia el siglo VIII?  
Una reflexión historiográfica y bibliométrica |  
Ana Mateos Orozco...98 ▶

Museu do Côa: do  
discurso institucional  
ao museu participativo |  
José Paulo Francisco  
...86 ▶



### PATRIMÓNIO



Do Castelo até à  
Ribeira: um olhar sobre  
os Paços do Município  
de Alcácer do Sal | António  
Rafael Carvalho...114 ▶

O Estranho Caso da Ota: o paradigma  
dos Orçamentos Participativos e os resultados  
de um projecto “comunitário” | André  
Texugo e Ana Catarina Basílio...104 ▶

Guadamecis e Guadamecileiros  
de Évora e Vila Viçosa: uma arte  
de luxo em 1500-1600 |  
Franklin Pereira...131 ▶



### HISTÓRIA LOCAL

Fernão Lopes, natural  
do Alandroal | João Torcato  
e José d'Encarnação  
...145 ▶



### NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO...150 ▶

Textos de...

Nelson J. Almeida *et al.* [pp. 150-151];  
Rui Pinheiro [pp. 152-157];  
Guilherme Cardoso [pp. 158-159];  
João L. Sequeira e António Valongo [pp. 160-161];  
Vanda B. M. Luciano [pp. 162-163];  
André Albuquerque *et al.* [pp. 164-165];  
Alexandre Monteiro *et al.* [pp. 166-170];  
Ana Patrícia Magalhães *et al.* [pp. 171-173];  
Lídia Fernandes e Carolina Grilo [pp. 174-176];  
Miguel Pessoa [pp. 177-181]

### EVENTOS

Textos de...

José d'Encarnação [pp. 182-184];  
João P. Tereso *et al.* [pp. 185-187];  
João Cascalheira *et al.* [pp. 187-189];  
Fernando Coimbra e Luiz Oosterbeek [pp. 190-191];  
António Valera [pp. 192-193];  
João P. Tereso [pp. 193-194];  
Manuel García-Heras *et al.* [pp. 195-196];  
José M. Arnaud *et al.* [pp. 197-198]

Agenda...199 ▶

# Fernão Lopes, natural do Alandroal

João Torcato <sup>I</sup> e José d'Encarnação <sup>II</sup>

## INTRODUÇÃO

Todo o investigador que pretenda debruçar-se sobre a história da vila de Alandroal e da sua região envolvente, sente-se, desde logo, constringido com o lamento de outros pesquisadores que, por diferentes épocas, se desafiaram em igual propósito.

Os registos documentais e epigráficos, passíveis de qualquer racionalização, são efetivamente tão escassos e de tal forma dispersos no tempo, que formar com eles uma corrente de sentido constitui uma verdadeira impossibilidade. Contudo, saídos dessa penúria bibliográfica, surgem, subitamente, dois filhos dessa terra, imortalizados por Camões nos *Lusíadas*: Pêro Rodrigues e Diogo Lopes de Sequeira.

## PAPEL RELEVANTE EXERCIDO POR FILHOS DO ALANDROAL

Deste último, Diogo Lopes de Sequeira, embora resulte singular que um filho de castelão fronteiriço ascendesse na Corte até se tornar vice-rei da Índia, pacificamente aceitamos, pela relevância do cargo, a sua inclusão na epopeia de Camões. Mas o que dizer de Pêro Rodrigues? Que cometimentos tão relevantes, que feitos tão consideráveis podem atribuir-se ao alcaide-mor do Alandroal, durante a crise de 1383-1385?

Em verdade, da leitura crua dos relatos resulta óbvio que a sua intervenção, por entre o cenário de guerra (quatro batalhas) que sacudia Portugal, não transcendeu, afinal, das pequenas escaramuças de fronteira (fossados). Que critérios, que justificativas levaram, então, Luís de Camões a incluir Pêro Rodrigues entre o “panteão” de heróis da grandiosa epopeia? Certamente – cremos ser a única explicação –, a desmedida ênfase dada ao castelão-mor do Alandroal pelo autor dos escritos que serviram de consulta e de posterior estrutura histórica da épica do Poeta: as *Crónicas* de Fernão Lopes.



FIG. 1 – Rosto que, nos *Painéis de S. Vicente*, se tem identificado com Fernão Lopes.

<sup>I</sup> Artista plástico. Investigador.

<sup>II</sup> Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Por opção dos autores, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

## RESUMO

Artigo que defende a hipótese de Fernão Lopes ter nascido e sido sepultado no Alandroal. A tese assenta na leitura de inscrição identificada em pedra tumular colocada à entrada da igreja matriz da vila, edificada pela Ordem de Avis. Com vários aspectos da sua vida pouco conhecidos, Fernão Lopes foi Guarda-mor da Torre do Tombo (Arquivo Geral do Reino) e, enquanto cronista real, lançou as bases da moderna historiografia portuguesa. Terá nascido entre 1380 e 1390 e falecido cerca de 1460.

PALAVRAS CHAVE: Património; Historiografia; Epigrafia; Fernão Lopes (1380/1390-1460).

## ABSTRACT

This article puts forward the hypothesis that Fernão Lopes would have been born and buried in Alandroal. This thesis is based on the interpretation of an inscription identified on a tombstone placed at the entrance to the town's mother church, which was built by the Order of Avis. Many aspects of Fernão Lopes's life are unknown. We do know that he was the head of the Torre do Tombo (the Kingdom's General Archive) and, as royal chronicler, he launched the roots of modern Portuguese historiography. He is believed to have been born between 1380 and 1390 and to have died in 1460.

KEY WORDS: Heritage; Historiography; Epigraphy; Fernão Lopes (1380/1390-1460).

## RÉSUMÉ

Article qui défend l'hypothèse selon laquelle Fernão Lopes serait né et aurait été enterré à Alandroal. La thèse se base sur la lecture de l'inscription identifiée sur une pierre tombale située à l'entrée de l'église principale de la ville, édifiée par l'Ordre d'Avis. Ayant certains aspects de sa vie peu connus, Fernão Lopes a été Grand Archiviste de la Torre do Tombo (Archives Générales du Royaume) et, en tant que chroniqueur royal, a lancé les bases de l'historiographie portugaise moderne. Il serait né entre 1380 et 1390 et décédé vers 1460.

MOTS CLÉS: Patrimoine; Historiographie; Epigraphie; Fernão Lopes (1380/1390-1460).

FERNÃO LOPES, A ORDEM DE AVIS  
E O ALANDROAL

“Onde, quando e de quem nasceu Fernão Lopes?”, pergunta Agostinho de Campos na *Antologia Portuguesa* (vol. 1, 1920, p. 12).

Na verdade, nada se sabe ao certo sobre a vida inicial de Fernão Lopes, de entre 1380 a 1390 e até cerca de 1460. O seu nome apenas é mencionado pela primeira vez em 1418, quando aparece a dirigir os Arquivos Reais, o que iria fazer por largo tempo.

É este “Heródoto Português”, o “pai”, o fundador da historiografia portuguesa, quem, na sua *Crónica de D. João I*, exalta de tal forma os factos ocorridos em torno dessa vila fronteiriça que os analistas da sua obra concluem: “Depois de Lisboa, é o Alandroal, uma obscura vila do Alentejo, que mais vezes é referida”.

Nove capítulos (desde o 97 ao 105) dedica Fernão Lopes aos acontecimentos em torno dessa vila, na *Crónica de D. João I*!

Poderemos, pois, conjecturar que esta “anomalia”, num escritor tão criterioso, nos indicia uma qualquer ligação sentimental com essa “obscura vila do Alentejo”? Que outras circunstâncias, senão uma forte afinidade com o local, podem explicar a sua insistência no olhar circunscrito a um ínfimo palmo de fronteira, entre acontecimentos tão dramáticos (crise de 1383-1385) que provocaram as batalhas de Atoleiros, Trancoso, Aljubarrota e Valverde? Nove capítulos a referir o Alandroal, enquanto todo o Reino fervia em guerra?

E, atrevendo-nos mais ainda nesta especulação, ao analisarmos a semântica da sua escrita nestes acontecimentos relatados em torno do Alandroal, não é notória uma maior riqueza na cromática das personagens, as alcunhas conhecidas, um agudizar dos detalhes, uma orografia precisa?

Em suma – e isto defendemos –, nestes nove capítulos da *Crónica de D. João I*, a escrita do cronista altera-se, expressando uma vivência próxima do cenário descrito.

Imaginemos, pois, que Fernão Lopes era oriundo dessa região, ou mesmo da própria vila de Alandroal.

Retorna, assim, a questão antes enunciada para Diogo Lopes de Sequeira: como foi possível que alguém, nascido nesses ermos fronteiriços, ascendesse a Cronista-Mor do Reino, a Guarda-mor da Torre do Tombo? Se, em relação ao Vice-rei da Índia, poderemos inferir que a sua condição fidalga lhe abriu portas até ao poder real, o mesmo se não pode concluir de Fernão Lopes, que, segundo os historiadores, provinha de humildes raízes.



FIG. 2 – Brasões das vilas de Avis e do Alandroal.  
Notem-se as semelhanças.

Portanto, nova questão emerge: de que poder tão determinante poderia usufruir essa remota vila de Alandroal? Que autoridade, que influência capazes de catapultar alguém do povo até aos cargos mais exigentes do reino, habitavam nessa “obscura” praça fronteiriça? Ora, as bandeiras que então ondulavam sobre as torres do castelo do Alandroal, eram, precisamente, as das forças do próprio Rei de Portugal (!), do recém-aclamado D. João I, da poderosa organização que emerge

como a grande vencedora da crise de 1383-1385, a Ordem de S. Bento de Avis, e do seu Mestre, que Fernão Lopes transformará no mito messiânico que inicia a Dinastia de Avis ou Joanina.

A semelhança entre os brasões (que em mais nenhuma outra vila alentejana se repete) indica-nos que a vila do Alandroal seria “geminada” com a sede da Ordem de Avis e, também, propriedade do próprio Mestre.

Sabemos que foi Lourenço Afonso, então mestre de Avis, quem, em 1294, ordenou a construção do castelo. Sabemos pelos historiadores que “era notável a presença da Ordem de Avis no concelho, onde o Mestre tinha coudelaria, e a Ordem possuía várias adegas, vinhas, herdades e coutada”<sup>1</sup>. Ainda no presente, persiste conhecimento sobre a Rua do Mestre de Avis e a Horta do Mestre de Avis. Isto é, tudo nos leva a acreditar que o poder que iniciou a Dinastia Joanina possuía nessa vila um dos seus feudos principais.

Terá sido nesse seu bastião do Alentejo que D. João I – a quem o mestrado de Avis foi destinado desde a infância – conheceu os dotes de Fernão Lopes e o levou para Lisboa, confiando-lhe os documentos do Tombo, e onde, depois, seu filho, D. Duarte, lhe encomendou as *Crónicas*?

<sup>1</sup> Ver <http://www.cm-alandroal.pt/pt/site-visitari/o-concelho/Paginas/Alandroal.aspx> (consultado em 2017-11-20).

## FERNÃO LOPES, NATURAL DO ALANDROAL

Efetivamente, o nascimento de Fernão Lopes nesta zona rural é uma forte probabilidade. Se o Cronista fosse natural de Lisboa, como alguém alvitra sem qualquer fundamento histórico, originário de humilde gente, numa urbe tão populosa, dificilmente acederia à erudição que demonstrou possuir, e, mais improvável ainda, se evidenciaria perante a casa de Avis.

Pelo contrário, sendo oriundo da própria gente do Mestre, nascido num pequeno povoado da Ordem, o seu enorme talento literário obteria reconhecimento imediato, e, sabiamente desenvolvido, seria depois colocado ao serviço da estrutura dos patronos. Admitindo, então, esta conjectura, urge indagar das possibilidades de acesso à erudição que o Cronista evidencia, apesar da juventude passada num ín-



FIG. 3 – Brasão beneditino numa bica do Mosteiro da Pipeira.

fimo meio rural. Onde estudou? Onde revelou de tal forma os seus méritos, que atraiu sobre si o olhar do novo poder reinante? Se a criação da Universidade de Évora data de 1559, onde terá estudado Fernão Lopes?

“*Dominando latim e castelhano*” e “*provavelmente educado numa escola conventual*”, dizem-nos os historiadores. Em verdade, o castelhano (ainda hoje assim sucede) é a segunda língua das gentes fronteiriças, e o Cronista, sem se ausentar sequer da própria vila, teria as condições necessárias para se transformar num homem de saberes amplos: no Convento da Ordem de S. Bento de Avis, herdade da Pipeira, tal como outros semelhantes, se lecionavam disciplinas várias – História, Filosofia, Latim, Gramática, Retórica, Dialética, etc.

Assim, verificados os pressupostos necessários à estrutura desta especulação – Fernão Lopes ser originário do Alandroal –, analisemos o achamento que originou a sua conceptualização.



FIGS. 4 E 5 – A laje sepulcral junto à porta.

É que existe na Igreja Matriz do Alandroal uma pedra tumular em que claramente se lê o nome FERNÃO LOPEZ. Trata-se de uma laje de mármore do tipo Estremoz / Vila Viçosa, que, por haver sido colocada mesmo à entrada do templo (Figs. 4 e 5), foi sujeita, durante séculos, ao passar dos fiéis. Por isso, parte dos sulcos das letras desapareceu com esse espontâneo e constante alisar (Fig. 6).

Reconstitui-se, contudo, sem dificuldade, até porque corresponde ao formulário habitual do século XV e apresenta a habitual abreviatura (S<sup>a</sup> por Sepultura) e nexos (o E dentro do D e do H). Desapareceram as pernas oblíquas dos RR, o travessão do A e as barras inferiores dos EE e a do Z (grafado ao revés, como de vez em quando sucede); na palavra SEVS, o S inicial já não existe, do E só temos a haste vertical, do V apenas a haste da esquerda, e do S final somente o seu troço mediano. Há um ponto triangular no final da epígrafe. Lopes está escrito com Z, como era normal na época <sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Um sobrenome que vem desde os tempos feudais, derivado progressivamente das formas antigas Lupici, Lopiz, Lopez.



FIG. 6 – Pormenor do topo da laje sepulcral, sendo evidente o desgaste da inscrição.



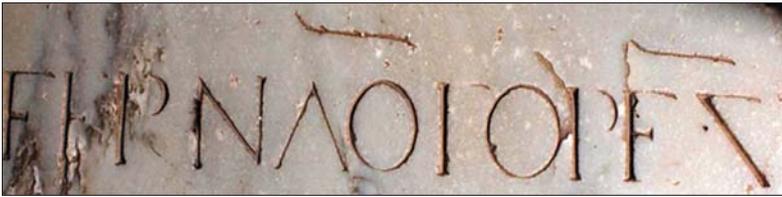


FIG. 7 – Pormenor da primeira linha, com o nome de Fernão Lopes.

A localização da inscrição logo à entrada da igreja matriz justifica não apenas o desgaste verificado, como também o facto de ninguém, até ao momento, se haver apercebido do que ali está escrito: é que a porta, quando aberta, fica mesmo por cima das letras, designadamente da primeira linha (Fig. 7), ocultando-a.

Se a todo o conjunto de convergências históricas que enunciámos adicionarmos a imagem desta lápide, onde, apesar de sinais de reutilização, se pode ler, nitidamente, o nome do cronista, toda esta exposição adquire sentido, toda esta especulação se transmuta de probabilidade em facto histórico.

*o de cronista*” (Agostinho de Campos, *Antologia Portuguesa*, vol. 1, 1920, p. 15).

Assim, com uma idade invulgarmente avançada para a época em que viveu, Fernão Lopes, talvez agastado com as “atordoadas” que invejas lisboetas atiravam à sua obra, foi recolher-se nos braços da sua terra natal, e, sepultado na igreja construída pela sua Ordem de Avis, denominada então Igreja da Nossa Senhora da Graça, elevou-se ao patamar excelso da eternidade, onde sossegam todos os homens extraordinários. 🏃

— PUBLICIDADE —

## CONCLUSÃO

Podemos assim, com toda a propriedade, considerar que – se Fernão Lopes se encontra sepultado no Alandroal, se nessa vila estavam reunidas as condições para se presumir serem daí as suas origens, ainda que deduzidas da escassa informação disponível, ou seja, o seu nascimento em meio rural e raiz humilde, a sua educação conventual, a sua ligação à casa de Avis e a acentuada conexão sentimental que deixa transparecer nos seus escritos, ao referir exaustivamente essa vila – o Cronista era, com grande probabilidade, natural do Alandroal.

Depois de uma longa vida ao serviço do Reino, a carta de 6 de junho de 1454, assinada por D. Afonso V, onde se lê “... é já tão velho e flaco, que por si não pode servir o dito ofício, ordenamos, por seu prazimento, de o dar a outra pessoa que o bem possa servir, e fazer a êle mercê, como é razão de se dar aos bons servidores”, coloca fim oficial ao labor da pena do maior escritor da literatura medieval portuguesa. “Devia ter uns oitenta anos, tendo sido guarda do Tombo durante 35, acumulando durante os últimos 18 este cargo com

# Al-Madan

## também em papel...

distribuição no circuito comercial e venda directa (portes de correio gratuitos \*)

\* no território nacional continental

**Pedidos:**  
 Centro de Arqueologia de Almada  
 Tel. / Telm.: 212 766 975 / 967 354 861  
 E-mail: [c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)

outra revista...

...o mesmo cuidado editorial

edição

**CAA**  
Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.almadan.publ.pt>]

# almada online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

**uma edição**



## CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[[c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]